



SIMPÓSIO DE INTEGRAÇÃO, INOVAÇÃO E TECNOLOGIA

CRIAÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO PARA SUBSIDIAR A CONLANG NA ESCOLA

Prof. Dr. Josué de Sousa Mendes¹ - IFB

Prof. Dr. Dirceu Cleber Conde² - UFSCAR

RESUMO: Este Projeto propõe uma pesquisa aplicada com vistas à criação, avaliação e validação de materiais didáticos inovadores para o ensino de conceitos linguísticos, na perspectiva da educação linguística, a partir do método da língua construída (*Conlang*). Tomando como referência a “oficina de língua inventada”, aplicada em uma escola de ensino fundamental de São Carlos-SP, essa experiência será replicada no mesmo nível de uma escola do Distrito Federal e, também, em uma turma de Proeja, do Instituto Federal de Brasília, considerando, neste último caso, dois públicos: adultos que apresentam dificuldade de leitura e escrita; e estrangeiros que precisam de formação para adquirir proficiência na Língua Portuguesa. Exercendo sua liberdade criativa, esses estudantes são submetidos ao processo de criação de palavras, expressões ou textos diversos, para, depois, utilizando a estratégia da “engenharia reversa”, validar ou não essas invenções, conforme a estrutura interna de uma língua. A metodologia adotará os conceitos da Quantificação e Qualificação (*quali-quant*), a fim de cotejar respostas dadas e estimular o livre expressar, além da Pesquisa-ação, como subsídio aos estudos de caráter pedagógico. Espera-se, assim, promover a leitura e a escrita imersivas; produzir atividades criativas que contemplem fenômenos diversos da língua; e trazer contribuições para a educação linguística no contexto escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Linguística, Conlang, Língua Inventada, Leitura e Escrita, Letramento Linguístico.

ABSTRACT: This project proposes applied research aimed at creating, evaluating, and validating innovative teaching materials for teaching linguistic concepts, from the perspective

¹Pós-doutorando em Linguística (UFSCar) e doutor em Teoria da Literatura (UnB-Sorbonne); professor, pesquisador e escritor. Foi docente de capacitação dos profissionais da educação do Distrito Federal (EAPE) e de outros Estados da Federação, além de coordenador da Unidade do Professor no Núcleo de Atividades de Altas Habilidades / Superdotação no DF. Foi vice-diretor do CEM Paulo Freire, escola pública do DF, e coordenador geral de educação a distância no Instituto Federal de Brasília - IFB, onde atualmente é coordenador pedagógico dos cursos subsequentes e superiores (CDSS). É líder do grupo de pesquisa **Neoleitor** (CNPq). Contato: josue.mendes@ifb.edu.br.

² Possui graduação em Letras - Habilitação em Português pela Universidade Estadual de Maringá (1998), mestrado em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (2000) e doutorado em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (2008), com estágio doutoral na Université Paris III - La Sorbonne Nouvelle. Pós-Doutorado na Michigan State University (2015-2016). Atualmente é professor Associado com Dedicação Exclusiva na Universidade Federal de São Carlo - SP e credenciado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSCar - onde foi Coordenador (2021-2025). Tem experiência na área de Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: semântica, pragmática e ensino-aprendizagem de linguística e linguagens formais. É líder do grupo de pesquisa **GeSER** (CNPq). Contato: cleberconde@ufscar.br.

of linguistic education, based on the Constructed Language Method (Conlang). Taking as a reference the "invented language workshop" implemented in an elementary school in São Carlos, São Paulo, this experience will be replicated at the same level in a school in the Federal District and also in a Proeja class at the Federal Institute of Brasília. In the latter case, considering two audiences: adults with reading and writing difficulties; and foreigners who need training to acquire proficiency in the Portuguese language. Exercising their creative freedom, these students are subjected to the process of creating various words, expressions, or texts, and then, using the strategy of "reverse engineering," the validation or rejection of these inventions, according to the internal structure of a language. The methodology will adopt the concepts of Quantification and Qualification (quali-quantum) to compare responses and encourage free expression, as well as action research to support pedagogical studies. The aim is to promote immersive reading and writing; produce creative activities that address diverse linguistic phenomena; and contribute to language education in schools.

KEYWORDS: Language Education, Constructed Language, Invented Language, Reading and Writing, Linguistic Literacy.

1. INTRODUÇÃO

O desenvolvimento da linguagem e, conseqüentemente, da língua que falamos é uma temática que instiga e desafia a compreensão humana. Na escola, somos ensinados a utilizar normas gramaticais, sem uma consciência de que os fenômenos de uma língua vão muito além de regras e estruturas que formulamos. Com isso, ficamos limitados, empobrecidos e até privados de conhecer nossa língua, *nossa pátria* (deslizando um pouco no terreno da literatura).

Investigar as viabilidades e as possibilidades de uma língua deveria ser uma estratégia pedagógica explorada entre os estudantes da educação básica. Com certeza, estimularia a criação de materiais didáticos inovadores que permitiriam aprendizados de conceitos linguísticos de uma maneira mais prática, lúdica e eficaz. Outra metodologia que teria aderência ao chão da escola é a experiência da "língua inventada", conforme o método *constructed languages* (Conlang), que tem por objetivo a compreensão dos princípios da linguagem, além do estímulo à criatividade e ao interesse dos estudantes pelo estudo da linguagem.

A proposta da língua inventada desvenda a lógica interna de uma língua em sua estrutura (parâmetros e significados), já que desenvolve e aplica exercícios de leitura e escrita da palavra (lexema) ou parte da palavra (fonema, grafema e morfema), isolada ou em conjunto, a fim de se pensar a língua para além do padrão convencional. Este Projeto propõe uma pesquisa aplicada com vistas à criação, avaliação e validação de materiais didáticos inovadores para o ensino de conceitos linguísticos, na perspectiva da educação linguística, a partir do método de língua construída (Conlang). Tomando como referência a "oficina de língua inventada" (Girardi, 2020), aplicada em uma escola de ensino fundamental em São Carlos-SP, essa experiência será replicada em uma escola pública do Distrito Federal e, também, em turma de

Proeja, do Instituto Federal de Brasília, considerando, neste último caso, dois públicos: adultos que apresentam dificuldade de leitura e escrita; e estrangeiros que precisam de formação para adquirir proficiência na Língua Portuguesa.

Exercendo sua liberdade criativa, esses estudantes são submetidos ao processo de criação de palavras, expressões ou textos diversos, para, depois, utilizando a estratégia da “engenharia reversa”, validar ou não essas invenções, conforme a estrutura interna de uma língua. A metodologia adota os conceitos da Quantificação e Qualificação (*quali-quantitativa*), a fim de cotejar respostas dadas e estimular o livre expressar, além da Pesquisa-ação, como subsídio aos estudos de caráter pedagógico. Espera-se, assim, promover a leitura e a escrita imersivas; produzir atividades criativas que contemplem fenômenos diversos da língua; e trazer contribuições para a educação linguística no contexto escolar.

2. DO ESTADO DAS ARTES DA LITERATURA PERTINENTE

A área de estudo sobre conceitos linguísticos na escola tem foco em como estudantes aprendem e usam a linguagem em diversos contextos. A literatura produzida e em produção abrange diversos aspectos, desde o desenvolvimento da consciência fonológica até a análise do impacto da linguagem no processo de aprendizagem. Com a consciência fonológica vem a capacidade de se reconhecer e utilizar os fonemas e grafemas no exercício da leitura e escrita. Para isso, pesquisas diversas se concentram em como desenvolver atividades que promovem essa consciência fonológica, mais especificamente em estudantes da educação básica e do ensino de jovens e adultos, além de estudantes estrangeiros que precisam de proficiência.

Para Conde (2024), o ensino tradicional de gramática tem sido criticado por ser abstrato e pouco relevante na vida dos estudantes, o que tem feito surgirem novas abordagens, como a gramática em uso a partir de exemplos reais e de atividades práticas. Honda e O’Neil (2008) foram precursores em experiências que levaram a linguística para a escola nos EUA. O’Neil (2010) narra a trajetória dessa empreitada bastante difícil, ao longo de quase quarenta anos de esforços, e de outras experiências que buscaram implementar uma reflexão sobre o papel do conhecimento linguístico na escola. Denham e Lobeck (2005, 2010) organizaram obras que contam experiências de outros países, por exemplo o Reino Unido.

O Brasil, comparado a outros países, ainda apresenta iniciativas tímidas. Exemplo louvável é a popularização do conhecimento científico sobre linguagem na Olimpíada Brasileira de Linguística (OBL), importante meio de divulgação e envolvimento de crianças e adolescentes com o conhecimento sobre línguas (Martins, 2022). Entre os pesquisadores

entusiastas do tema em suas várias dimensões, no âmbito teórico-metodológico, temos: Maia (2019), Oliveira e Quarezemin (2016), Pilati (2019; 2017), Guessser e Rech (2021), entre outros.

Sampaio (2018) lembra que há também iniciativas não acadêmicas como *blogs*, *podcasts*, entre outros meios importantes da internet, para garantir acesso ao público em geral. No entanto, ainda há poucos materiais ou metodologias que incentivam estudantes a pensarem a língua fora do escopo da sua representação, para além de uma abordagem normativista.

Embora a Base Nacional Curricular Comum (Brasil, 2017) incentive a exploração do eixo “Análise Linguística/Semiótica”, ainda é necessário construir caminhos para que a proposta chegue aos bancos escolares, como lugar de aprendizagem da competência linguística e do próprio fazer científico, como defendem Honda e O’Neil (2008; 2010; Ilari; Basso, 2017). Segundo esses autores, é possível incentivar o pensamento científico por meio da descrição, testagem de hipóteses, análises e construção de conclusões sobre dados linguísticos. Entre as estratégias de motivar o interesse sobre conteúdos em linguagem, está o ensino da gramática internalizada, de modo lúdico, atraente e produtivo, a partir de um olhar dos estudantes para dentro de si mesmos como fonte de conhecimento. A prática de construir línguas artificialmente (*constructed languages - conlangs*) valoriza esse conhecimento intuitivo, a bagagem cultural e a vivência da variação linguística (Okrent, 2009; Punske; Sanders; Fountain, 2020).

3. RELEVÂNCIA E CONTRIBUIÇÕES

O ensino de conceitos linguísticos se justifica por fazer com que estudantes percebam que a língua pode (ou deve) ser considerada também como um objeto de ciência. Ao aplicar esse entendimento, o estudante é estimulado a delimitar problemas, criar hipóteses, desenvolver métodos, compreendo a complexidade do seu objeto. Segundo Girardi (2020), compreender uma língua não é somente memorizar um emaranhado de regras gramaticais prescritivas, mas também desenvolver uma capacidade para discernir o que pode ou não ser executável em uma determinada língua. Essa capacidade é fundamentada nos sistemas fonético, fonológico e lexical da língua, assim como na Gramática Universal (GU), que “pressupõe a existência de um mecanismo inato responsável pela aquisição da linguagem”. Por que, então, não demonstrar que as línguas são objeto de conhecimento científico e, ao mesmo tempo, ensinar conceitos linguísticos de diferentes modos? A proposta de criação de atividades para uma língua inventada tem por finalidade compreender como as regras gramaticais e padrões morfossintáticos e fonológicos funcionam em uma língua. A invenção de línguas (Okrent, 2009) tem diversas motivações: religiosas (glossolalias); lógico-matemáticas (sem ambiguidades); entretenimento e ideologias (Esperanto).

Okrent (2009) lembra que a busca/invenção de línguas é um movimento inglório, quando tomado para finalidades de substituir as línguas naturais. Por outro lado, muitos falantes adquiriram o hábito de criar línguas, movidos pelo interesse em verificar como os padrões semânticos, fonológicos e morfossintáticos se comportam. Aplicar um exercício lúdico, no qual se deva criar uma língua, pode despertar, pelo menos, a curiosidade dos estudantes. Assim, ele mobiliza suas intuições na língua materna e percebe que as línguas são baseadas em regras recursivas, econômicas, eficientes, criativas, e que algumas delas podem nem funcionar.

O ensino de Linguística na escola se limita, muitas vezes, à análise de estruturas gramaticais e lexicais de línguas naturais, sem explorar a complexidade da linguagem como um sistema em si. O método Conlang, ao propor a criação de línguas artificiais, oferece oportunidades para: compreender os princípios da linguagem (fonética, fonologia, morfologia, sintaxe e semântica); desenvolver a capacidade de análise e resolução de problemas linguísticos (análise das estruturas e funcionamento das línguas naturais, estimulando o pensamento crítico e a busca de soluções criativas); aprender de forma lúdica e interativa (incentivo à criatividade, à colaboração e ao engajamento, tornando o aprendizado mais prazeroso e memorável); ampliar a compreensão da diversidade linguística (diferentes sistemas linguísticos contribuem para a riqueza e variedade da linguagem humana); experimentar a criatividade e a autonomia (processo de criação linguística e construção de um sistema de linguagem).

Ao criar uma língua, o falante emprega intuições da Faculdade da Linguagem alojadas no “estado cognitivo inicial, chamado de Gramática Universal” (Chomsky, 2006, p.10), conjunto de estruturas inatas (inatismo) que a mente humana possui e que é biologicamente inerente à espécie humana (Chomsky, 2006; Godoy, 2009). De acordo com essa teoria, todos os falantes são capazes de discernir o que funciona ou não em uma língua. Todo falante possui uma intuição em relação à língua, porque nasce com uma gramática interna e uma estrutura pré-formada do cérebro em relação à linguagem. Valem, então, as reflexões: É possível observar a criação de padrões nas línguas inventadas? O conhecimento intuitivo demonstrado na construção de uma língua inventada tem o mesmo padrão da língua materna? Em que contribui a atividade lúdica para a criação de uma língua?

Portanto, os estudantes referenciados, como público, exercendo sua liberdade criativa, são submetidos ao processo de criação de palavras, expressões ou textos diversos, para, depois, utilizando a estratégia da “engenharia reversa”, validar ou não essas invenções, conforme a estrutura interna de uma língua, e os conceitos abordados: fonética e fonologia (fonemas, estrutura silábica, regras de pronúncia, tons); morfologia (morfemas, afixos, flexões, estrutura das palavras, formação de novas palavras); sintaxe (estrutura da frase, tipos de frases, ordem

das palavras, funções gramaticais); semântica (significado das palavras, relações entre as palavras, ambiguidade); pragmática (contexto, intenção do falante, funções da linguagem).

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOUNTAIN, A. (Eds.). **Language invention in linguistics pedagogy**. Oxford linguistics. First edition ed. Oxford, United Kingdom; New York: Oxford University Press, 2020. p. 49–68.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris; SOUSA, Rosineide Magalhães de; FREITAS, Vera Aparecida de Lucas; MACHADO, Veruska Ribeiro. **Por que a escola não ensina gramática assim?** São Paulo: Parábola, 2014.

CHOMSKY, Noam. **Sobre natureza e linguagem**. In: BELLETTI, Adriana; RIZZI, Luigi. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

CONDE, Dirceu Cleber. Conlang na escola: língua inventada como método pedagógico para o conhecimento da linguística. Projeto em construção, 2024.

GIRARDI, J. E. **Oficina de língua inventada e o ensino de conceitos linguísticos**. Dissertação de Mestrado - São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2020.

GOODMAN, K. S. “Reading, writing and written texts: a transactional sociopsycholinguistic view”. In: RUDDELL, R.B.; RUDDELL, M.R. & SINGER, H. **Theoretical models and processes of reading**, 4th edition. Newark, International Reading Association, 1994.

GUESSER, S.; RECH, N. F. (EDS.). **Morfologia, sintaxe e semântica na Educação Básica**. São Paulo: Martins Fontes, 2021.

HONDA, M.; O’NEIL, W. A. **Thinking linguistically: a scientific approach to language**. Malden, MA ; Oxford: Blackwell Pub, 2008.

HONDA, M.; O’NEIL, W.; PIPPIN, D. On promoting linguistics literacy: bringing language Science to the English classroom. Em: DENHAM, K. E.; LOBECK, A. C. (Eds.). **Linguistics at school: language awareness in primary and secondary education**. Cambridge, UK; New York: Cambridge University Press, 2010. p. 175–187.

ILARI, R.; BASSO, R. O “letramento linguístico” de Maya Honda e o contexto brasileiro: um breve percurso histórico. **Revista Linguística**, v. 13, n. 1, p. 66–85, 2017.

OKRENT, A. **In the land of invented languages: Esperanto rock stars, Klingon poets, Loglan lovers, and the mad dreamers who tried to build a perfect language**. 1st ed ed. New York: Spiegel & Grau, 2009.

PILATI, H. **Linguística, gramática e aprendizagem ativa**. 2. ed. São Paulo: Pontes, 2017.

PUNSKE, J.; SANDERS, N.; FOUNTAIN, A. (EDS.). **Language invention in linguistics pedagogy**. First edition ed. Oxford, United Kingdom ; New York, NY: Oxford University Press, 2020.